

12 DEZ

Mudanças econômicas e eleições

JORNAL DE BRASÍLIA

Há uma estreita correlação entre mudanças econômicas e eleições. Quando o povo se sente satisfeito, com poder de compra, barriga cheia e ares de felicidade, vota no partido que ostensivamente represente o Governo, no caso o PMDB. Foi o que aconteceu logo depois do Cruzado I. E por isso o partidão do Dr. Ulysses ficou nesse vai-não-vai, ora Governo se há lucros à vista, ora oposição se as perdas já se definiram. Por outra, se o poder de compra esvaziar-se, os preços subirem todo dia como está acontecendo e as prateleiras dos supermercados ficarem inacessíveis, então os votos irão diretamente para as esquerdas, traduzidas em Lula e Brizola, não porque estes sejam uma solução mas porque representam o antigoverno, o culpado.

Eis porque este pacote do ministro Bresser representa, ao mesmo tempo, um risco para o Governo e para o seu partido, o PMDB. Para o Governo, porque a este se debita, sempre, tudo o que de ruim acontece no País; para o partido, obviamente, porque irá encontrar manchas indeléveis de arroz vermelho na colheita de votos que espera em 88. Por outro lado, um risco também desnecessário,

visto que resultará, apenas, no aumento de receita de 1 a 1,5% do PIB. Muito pouco para justificar uma dúvida.

O pacote foi feito às pressas. Teve-se um ano inteiro, meses seguidos para estudá-lo, discuti-lo, burilá-lo, e no entanto deixaram para o fim do ano, o corre-corre, com a Constituinte em estado de efervescência, os deputados de mala na mão para as suas merecidas festas de Natal, ignorando-se que a pressa sempre foi inimiga da perfeição. E tudo em possível troca de tão pouco, se ganhar, e de muito, se perder.

Não foi, também, o plano examinado pelo PMDB. A tanto não se pode considerar o fato de o ministro, após rabiscar a minuta final no seu gabinete de São Paulo, ter passado pela casa do presidente Ulysses Guimarães, para lhe mostrar o que estava pensando. Como é do seu feito de não contrariar ninguém, o tripresidente deve ter-lhe dito um "vá em frente". Mas, como instituição, como entidade, como partido, o PMDB não foi ouvido, não opinou, não se comprometeu. Se der certo, o lucro será dele; se não der certo, Sarney é quem pagará a conta, como das outras vezes, e o partido,

por suas lideranças, irá à televisão para malhar o Presidente.

Sugeriria ao Presidente que não entrasse nessa. Exigisse que o partido, por seus órgãos dirigentes, endossasse previamente o plano de seu ministro e por ele se responsabilizasse. Convocasse todo o ministério, a fim de dividir a responsabilidade da decisão e encontrar, se fosse o caso, soluções alternativas. Nem sempre há uma única solução para um problema. Se o ano esgotar-se, paciência, cuidaram tarde, diga o Presidente. Dormientibus. Gastem o bestunto e descubram outros caminhos.

Entretanto, se nada for feito e o pacote passar adiante, com a sua altíssima taxa de risco, terão o Governo e o PMDB feito o jogo das esquerdas, pois é isto que elas querem. As eleições municipais de 88 estão na porta e serão mais importantes para o futuro do País do que as presidenciais, se houver. As esquerdas irão ganhar, soltas, as prefeituras e as câmaras de vereadores, em cima de mais um insucesso de política econômica. Não terão dificuldades de escolha dos temas para os seus comícios, pois eles estarão nas faces esfomeados do povo. Lembrem-se de 74.